

**As refrações circulantes no discurso das bordadeiras do Pontal da Barra:
o conflito tradição e trabalho**

Alessandra Ramos dos Santos Miranda*¹
Andréa da Silva Pereira*²
Danielly Bezerra dos Santos*³

Resumo

Este artigo objetiva discutir as contribuições das narrativas de um grupo de bordadeiras para o desenvolvimento de atividades de letramento voltadas ao contexto de trabalho na Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal. O presente estudo é um viés de um projeto de extensão. As análises dos processos de refração no discurso das bordadeiras, realizadas com base teórico-metodológica na abordagem etnográfica combinada com a perspectiva dialógico-discursiva para estudo da linguagem de inspiração bakhtiniana, revelam a contradição no mundo do trabalho entre o artesanato herdado e o trabalho celetista.

Palavras-chave: Etnografia; Discurso; Refração.

Abstract

This article aims to discuss the contributions of the narratives of a group of embroiderers to develop literacy activities related to the work context the Association of Women Embroiderers the Pontal da Barra. This study is part of the extension project. Analyses of refractive procedures in the discourse of embroiderers were made with theoretical and methodological basis of the ethnographic approach combined with the dialogic-discursive perspective to study the language of Bakhtin's inspiration, reveal the contradiction in the labor market between the inherited craft and the CLT work.

Keywords: Ethnography; Discourse; Refraction.

¹UFAL, Universidade Federal de Alagoas; Faculdade de Letras; Maceió; Alagoas; Brasil; alessandrarmiranda@hotmail.com.

²UFAL, Universidade Federal de Alagoas; Faculdade de Letras; Maceió; Alagoas; Brasil; andreasp.alp@gmail.com.

³UFAL, Universidade Federal de Alagoas; Faculdade de Comunicação Social; Maceió; Alagoas; Brasil; daniellybdossantos@gmail.com.

Introdução

Em 2013, teve início um projeto de extensão envolvendo a Faculdade de Letras (UFAL) e a Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal⁴, da Comunidade do Pontal da Barra, vila localizada em Maceió, Alagoas, intitulado “Novos letramentos e ativismo social: em busca de uma palavra outra para as mulheres da Comunidade do Pontal da Barra”. Seu propósito era contribuir para movimentos de mudança nas condições de vida e trabalho das bordadeiras pelo trabalho de introdução de novos usos de linguagem.

A primeira etapa do projeto, que se constituiu como o momento de interação com a comunidade, visou conhecer e identificar as necessidades sociais, de trabalho e de comunicação da Associação, selecionar necessidades de curto, médio e de longo prazo e elaborar, juntamente com as associadas, projetos de ação. O estabelecimento de estratégias de comunicação entre a Associação, o bairro, clientes e possíveis apoiadores de projetos para financiamento de construção de sede própria da Associação e outras benfeitorias foi uma das demandas apresentadas ao nosso grupo e, por isso, criamos um blog e uma conta no Facebook para a Associação, bem como oferecemos às bordadeiras oficinas que as ajudasse a manter as publicações nos dois ambientes: blog e Facebook.

Um estudo dialógico-discursivo dos dados gerados nas oficinas e rodas de conversa dessa etapa nos mostrou⁵ um silenciamento das vozes⁶ das integrantes da Associação, particularmente nas questões de trabalho. Elas pediam, por exemplo, cursos de gramática da língua portuguesa, pois sentiam-se inseguras para falar ou escrever em contextos formais. Essa aspiração parece ser fruto do problema histórico de políticas linguísticas para educação de base no Brasil que, de um lado, privilegiam os segmentos mais elitizados de nossa sociedade e, de

⁴ As bordadeiras do Pontal se dedicam ao trabalho artesanal de confecção de um bordado/renda característico de Alagoas conhecido como filés.

⁵ Na fase inicial, além das oficinas de letramento voltadas para o contexto de trabalho das bordadeiras, ocorridas em um espaço cedido pela presidente da associação, foram também realizados encontros com as associadas, que chamamos de rodas de conversas, e entrevistas semiestruturadas. Tanto as produções das oficinas quanto as interações verbais das rodas de conversa e das entrevistas, gravadas em áudio e vídeo, nos serviram como procedimentos de geração de registro. É importante ressaltar que, como a Associação das Bordadeiras carece de uma sede própria, a presidente utiliza o espaço de sua própria loja para reunir as associadas.

⁶ Por vozes, leia-se vozes sociais no sentido utilizado por Mikhail Bakhtin e seu Círculo – conforme abordaremos mais adiante neste artigo. Elas se referem aos posicionamentos linguístico-discursivos dos sujeitos diante de determinados valores sócio-ideológicos circulantes nas comunicações verbais.

outro, promovem o preconceito linguístico e a violência simbólica pela prática do ensino de língua para aqueles que são excluídos.

Outra hipótese para o silenciamento das bordadeiras está relacionada aos problemas nas relações de poder instauradas na Associação. A líder do grupo das associadas, provavelmente por ter maior bagagem sociocultural e por ser proprietária de uma loja, é também a responsável por trazer as encomendas de trabalho com as rendas, e, dessa forma, parece imprimir sua força política na base da lógica de mercado. Na maioria das situações enunciativas identificadas durante nosso trabalho, a voz da líder é, se não a única, a de predomínio entre as mulheres, daí o silenciamento de outras vozes⁷.

Esses resultados iniciais nos levaram a uma alteração nos rumos do projeto de extensão e também sugeriram outros caminhos para estudar a complexidade das relações locais. Para estudar algumas dessas relações, propusemos o projeto PIBIC/2013/2014 “Novos letramentos, narrativas e história local”, cujas reflexões são apresentadas nesse artigo.

Este estudo está organizado em três seções. Na primeira será apresentada a perspectiva teórica que sustenta a pesquisa. Na segunda descrevemos as questões metodológicas, em especial, os procedimentos de geração de registros. A terceira parte discute os resultados da análise dos dados coletados na Associação das Bordadeiras e na Escola Municipal Silvestre Péricles.

Operações de referência e refração como enquadres das interlocuções sociais face a face

Constituem os fundamentos teóricos dessa pesquisa a concepção dialógica da linguagem, tal como proposta por Mikhail Bakhtin e seu Círculo e, de maneira articulada e não contraditória, a noção de enquadre da Análise da Conversação, conforme propõe Goffman, 1981. Da arquitetura bakhtiniana para o trabalho com a linguagem, destacamos como aporte dessa

⁷ Até o momento em que ainda não havíamos identificado os problemas de relação de poder que contrapunham a presidente e as associadas, usávamos a loja da presidente para as oficinas de letramento. Ao tomarmos consciência dessa relação assimétrica, entendemos ser necessário usar outro espaço para a realização das oficinas e das rodas de conversa, a fim de que as associadas pudessem ficar mais à vontade nas práticas com a linguagem. No segundo semestre de trabalho na extensão, passamos então a usar as salas da Escola Municipal Silvestre Péricles, que fica na circunvizinhança do espaço que funciona informalmente como sede da Associação.

investigação a noção de signo ideológico, da qual derivam as noções da referenciação e a da refração do signo:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc. (BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. 1929/1995, p.32)

A noção teórica da refração presente no pensamento bakhtiniano nos mostra que duas operações ocorrem simultaneamente nos signos durante o processo de referenciação da comunicação verbal: a operação de referenciação – por meio da qual descrevemos o mundo – e a operação de refração – pela qual interpretamos o que descrevemos, carregando nossos enunciados de índices de valor social e ideológico que indicam a orientação axiológica nas relações dialógicas das mais variadas interações verbais.

A realidade contemporânea do mundo do trabalho, própria da sociedade neoliberal, global e globalizada, tem imprimido um caráter monológico à palavra de modo a impossibilitar a escuta da voz do outro como aquele que é diferente. Ela, a palavra, concebida como signo ideológico por excelência, não apenas reflete, mas também refrata realidades. A palavra pode assim apontar para a presença de vozes marcadas por valores hegemônicos da linguagem oficial do tempo presente circulando em diversos campos da atividade humana, de modo a atenuar (ou até mesmo esconder?) ao máximo a dialética interna do signo, este constitutivamente heterogêneo, mas, ao mesmo tempo e a despeito de quaisquer forças hegemônicas, passível de ser confrontado e alterado, uma vez que nenhuma ordem social é absoluta.

Essa simultaneidade de operações – referenciação/refração – forma uma tensão de base e, no contexto de nossa investigação, cujo corpus de análise é constituído por interações face a face (bordadeiras/pesquisadores), funciona como enquadres discursivos.

Para Goffman, um princípio básico para a compreensão do discurso oral e para a análise das interlocuções é o conceito de enquadre (ou footing), que: “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (GOFFMAN, 1981, p.70). Os enquadres, segundo o autor, são

instáveis, ou seja, são apresentados, negociados, ratificados (ou não), cosustentados e alterados durante a interação.

O estudo desses aspectos sociológicos presentes na materialidade discursiva nos possibilita investigar o desempenho das identidades sociais dos participantes envolvidos nas interações orais das entrevistas.

Metodologia

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e se vale das abordagens metodológicas da Pesquisa Etnográfica na esfera escolar (ROCHA & TOSTA, 2009). A opção pela metodologia etnográfica se justifica pelo fato de ela considerar que o modo como entendemos as coisas está relacionado à distância que assumimos perante elas. Nesse caso, a proximidade e a interação entre os pesquisadores participantes do projeto e as comunidades, no caso a das Bordadeiras do Pontal, proporcionarão formas de entendimento do contexto geral histórico e social e do particular.

Nessa perspectiva, o ouvir do pesquisador traz uma complexidade maior, uma vez que expõe a natureza da relação entre pesquisador e pesquisado. A observação, descrição e reconstrução de mundos culturais originais da Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal, possibilitando-nos fazer um registro detalhado de fenômenos singulares do grupo, constituem ações metodológicas próprias da Etnografia e, nos limites deste estudo, serão combinadas com a abordagem dialógico-discursiva de inspiração bakhtiniana para a pesquisa em Ciências Humanas e com abordagens de tradição sociointeracionista (GOFFMAN, 1981; GUMPERZ, 1982,1996) que se propõem investigar os modos de construção da interlocução social mediada pela linguagem oral.

Na busca por observar, descrever e reconstruir nosso destinatário na associação das mulheres, não nos será suficiente identificar nosso público real ou seus constrangimentos reais próprios daquele contexto, mas, para além disso, importa buscar as instâncias criadoras de sentido situadas sócio-historicamente que vêm ou não à tona nas interações verbais da pesquisa.

Entendendo que as abordagens metodológicas aqui utilizadas destacam como relevante a relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa a partir da problematização da sua

inserção [dele pesquisador] no universo investigado, consideramos ser importante uma descrição mais detalhada sobre os procedimentos de geração de registros, o que ocorrerá nesta seção do artigo.

Em parte da literatura existente sobre a abordagem etnográfica de pesquisa qualitativa em Ciências Humanas, é comum encontrarmos o termo *coleta de dados*. No âmbito desta investigação, buscamos utilizar a noção de “procedimentos de geração de registros”, pois, segundo Fritzen:

... o pesquisador não vai a campo para meramente colher dados, como se eles estivessem prontos, à sua espera. Ele gera registros, uma vez que sua presença em campo não é neutra e suas escolhas refletem sua posição epistemológica. (FRITZEN, 2012, p. 59).

A geração de registros pressupõe que os dados não estão à espera do pesquisador, mas são construídos discursivamente por meio de sua interação no contexto de investigação. Isso é possível porque “os procedimentos metodológicos da etnografia preveem a inserção do pesquisador no campo, como observador participante, permanente e reflexivo, ouvindo, vendo o que acontece nesse meio” (Ibid.). Dessa maneira, o pesquisador poderá gerar os registros a partir de suas observações e reflexões constantes sobre o que realmente está acontecendo no contexto de investigação.

Entre os registros gerados nesta pesquisa, destacam-se fotografias, vídeos, amostras de cadernos de anotação de vendas; diário do pesquisador, nos quais constam anotações sobre conversas informais com moradores do Pontal da Barra, impressões, e, sobretudo, as entrevistas semiestruturadas.

Antecedendo a realização das entrevistas, contatamos por telefone e pessoalmente as bordadeiras associadas (foram sete associadas), a fim de agendarmos as conversas. Importante ressaltar que já havíamos tido uma convivência com as bordadeiras que perdurou todo o processo de um ano de trabalho de extensão. Dessa forma, não éramos estranhas a elas, a relação era de proximidade.

Procuramos não utilizar procedimentos tradicionais para a realização das entrevistas, o que, neste caso, significa dizer que não consideramos nossos entrevistados apenas como

informantes e procuramos não usar do poder da autoridade de quem faz as perguntas, criando-se assim, um campo ilusório de interação. Ao contrário, buscamos o máximo possível manter as condições efetivas do diálogo. Nessa perspectiva, em vez de perguntas, elaboramos um roteiro de assuntos a serem tratados mais como uma conversa informal, que se distanciou do clássico formato pergunta-resposta. A seguir, encontra-se o roteiro utilizado para as entrevistas semiestruturadas.

- Roteiro da entrevista com as bordadeiras
- Qual o seu nome, local de nascimento, idade, filiação e origem (migrante ou não-migrante)? Há parentes vivendo no Pontal?
 - Queremos saber desde quando mora no Pontal e qual sua memória sobre o bairro/vila e de que forma ela ou seus parentes estão ligados ao Pontal.
 - É casada, tem filhos?
 - Qual é a atividade de cada um?
 - O que fazem nas horas vagas: TV, computador, conversar, etc. (aqui estamos interessados na cultural oral)?
 - Quais são seus hábitos de leitura?
 - Como é sua vida? [Procurar saber como ela avalia a vida dela nos vários aspectos: profissional, pessoal, familiar, etc.]
 - E a escola? Fale sobre sua vida escolar. [Queremos saber o histórico escolar dela e sobre qual a importância da escola (instituição) e da escolaridade que ela tem ou desejaria ter]
 - O que deseja para seus filhos.
 - Você faria curso do EJA? Por quê? [procurar saber do que ela sente falta, com relação aos saberes escolares]
 - Quais saberes (letramentos) não escolares você valoriza? Como os aprendeu? [Estamos aqui tentando adentrar nos letramentos valorizados e os não valorizados, para verificar a proximidade da escola com a comunidade]

Fig. 1: Roteiro da entrevista

Logo após as gravações, foram realizadas as transcrições das narrativas de acordo com a Análise da Conversação, doravante AC, mais especificamente com a metodologia utilizada pelo

Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – NURC/SP. O *corpus* de análise foi constituído pelas entrevistas realizadas com as sete associadas.

A emergência da voz social das mulheres do Pontal da Barra

Antes de entrarmos na análise dos dados, é importante detalhar algumas características do perfil das associadas. Todas as sete bordadeiras são moradoras do Pontal; seis são casadas e uma é solteira. A média de idade do grupo passa dos 45 anos, somente duas delas estão na faixa dos trinta. As mulheres que integram a Associação têm sua renda assegurada da venda informal de filés. Apenas uma delas tem emprego formal. A maioria das mulheres tem educação básica incompleta, problemas de letramento e de analfabetismo.

Um exame das narrativas coletadas das sete bordadeiras da Associação nos possibilita a localização de dois tópicos: o da atividade do filé como tradição do bairro e o da atividade do filé como trabalho. A identificação e escolha desses tópicos para análise são relevantes, pois estão diretamente ligados ao objetivo geral de nossa investigação de buscar resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo a elas a noção de identidade social no contexto do trabalho, por meio da escuta de suas narrativas de vida.

No que diz respeito ao tópico da atividade do filé como tradição, as operações da referenciação e da refração, apresentaram, em parte, um posicionamento das bordadeiras em relação ao trabalho do filé já por nós esperado: o da valorização apreciativa. Vejamos esse posicionamento em alguns trechos da transcrição: [trecho 1 -B1]⁸ “a minha mãe também era rendeira e até hoje... isso aqui quem tá fazendo é ela ((mostra a rede com a renda)) [P1]. e é... e você aprendeu com ela? [B2]. APRENDI com ela ((parece satisfeita)) [...] AQUI NA PRACINHA... a gente sempre fica na pracinha ou aí na porta ...”. [trecho 2 -B4] :” ...no caso esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me ensinou eu/ eu devo tudo isso aí a ela... é:: já fiz um curso de re::de... já dei o curso de rede pra alguns alunos... então me senti bem realizada néh... em saber que eu vou passando aquilo que minha mãe passou pra mim pra aquelas pessoas...” [trecho 3 -B5]:...APRENDI ASSIM FAZER FILÉ:: é uma coisa que

⁸ Para resguardar a identidade das bordadeiras, identificaremos os trechos das transcrições utilizando-nos da letra B (Bordadeira). As referências a P1 indicam a fala da pesquisadora.

eu valorizo muito... que eu não sabia de jeito nenhum... até quando eu trabalhava... eu falava pra mim mesmo ah:: eu nunca vou aprende:: ai néh:: aprendi:: ((pareceu satisfeita))... aprendi com minha filha... COM A MINHA FILHA E OUTRAS PESSOAS FAZENDO:: eita:: esse ponto ai eu não sei me ensina.”.

Nesses trechos, flagramos o tom apreciativo da atividade do filé como tradição pelas ênfases em tom afetivo (ex. *APRENDI*; *APRENDI ASSIM FAZER FILÉ*, etc), b) expressões faciais e gestuais, conforme os comentários em duplo parêntesis na transcrição nos informam, c) relação espaço-temporal que marca a manutenção da tradição do filé no passado e no presente (ex. *APRENDI* com ela ((parece satisfeita)) [...] *AQUI NA PRACINHA*... a gente sempre fica *na pracinha* ou aí na porta e d) escolhas semânticas qualificadoras (ex. é uma coisa [filé] que eu *valorizo* muito) acompanhadas de modalizadores deônticos relacionados ao eixo da conduta (...no caso esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me ensinou eu/ eu *devo* tudo isso aí a ela...).

Do ponto de vista do enquadre, os elementos da refração desses trechos analisados não afetam a projeção do “eu” das bordadeiras em relação ao “outro” de nós, pesquisadores, tal qual tínhamos construído em um primeiro momento durante todo o trabalho de extensão; circulava nos discursos das associadas o mesmo posicionamento apreciativo em torno do filé.

Contudo, quando o tópico da atividade do filé como trabalho veio à tona no momento das entrevistas semiestruturadas, percebemos alteração do enquadre e, assim, outro aspecto identitário passou a emergir no discurso das bordadeiras.

Vejam agora os trechos em que a atividade do filé como tradição e como trabalho estão mescladas: [trecho 4 - B2]: eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela... entendeu?... mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando... [trecho 5 - B3]:através do artesanato e da pesca... [...] é passatempo... não sobrevivem disso [...] porque a renda não dá... hoje em dia tem recursos melhores néh... (...) eu escolhi mesmo (...) ser bordadeira néh (...) aprendi com minha mãe... quando tinha oito anos de idade...

No trecho 4, há uma referência ao processo gradativo de tradição do filé (*eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela*), seguida, porém, de um aspecto disruptivo desencadeado pela presença do

operador argumentativo que contrapõe argumentos orientados para posições contrárias “mas”, quando o subtópico da atividade de filé como trabalho vem à tona (mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando...). Destacam-se nesse disruptivo as múltiplas ênfases: entonação alterada pelo tom da voz, performativo ligado às modalidades deônticas da ordem/obrigação/proibição (NÃO QUERO) e dupla negação (mas eu NÃO QUERO ela no filé não...). No trecho 5, o movimento é contrário: a bordadeira desqualifica o trabalho da renda e da pesca (é *passatempo*, não é atividade de *sobrevivência*), mas admite que acabou escolhendo o bordado.

As interpretações depreciativas resultantes da operação da refração nos trechos 4 e 5 que articulam os dois tópicos – atividade do filé como tradição e atividade do filé como trabalho – apontam para uma modificação do enquadre na interlocução com as bordadeiras e, com isso, aspectos da identidade social delas começam a ser por nós construídos em direção a diferentes orientações axiológicas. Essa mudança vai se consolidar nos tópicos em que elas tratam da atividade do filé como trabalho.

Vejam os trechos a seguir. [trecho 6 - B1]: “É uma rendinha a mais pra mim é bom que só porque eu tenho o meu::... MAS a rendinha dele também é bonzinho”; [trecho 7 - B2]: “... ((silêncio/pensativa)) assim::... PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh... o filé néh... eu hoje me arrependo porque eu não terminei os meus estudos... porque eu poderia ter feito uma coisa melhor pra mim... PORQUE FILÉ É ASSIM... quer que eu seja sincero? L1. sim. B2. a gente fa::z o filé::... mas não é um futuro...” [trecho 8 - B3]: “porque hoje é um meio de sobrevivência néh... onde eu tenho uma rendinha extra... E É UMA TERAPIA E PASSATEMPO...”; [trecho 9 – B4] “olhe... eu não vou dizer a você que eu GOSTO DE FAZER O FILÉ... EU GOSTO DE FAZER O FILÉ... mas assim se eu tiver OUTRA ATIVIDADE... eu vou correr atrás de outra atividade que me dê mais:: um troquinho a mais::...”; [trecho 10 - B5]: “ah:: gostaria assim/ porque filé não do muito/ assim filé/ num num é uma renda fixa néh... você hoje faz... é por temporada... aí se eu encontrasse assim um um:: trabalho de um um horário só...(...) eu estou realizada... agora eu to falando assim UM EXTRA NÉH SE TIVESSE... OUTRA ATIVIDADE ENTENDE?”

Dos trechos 6 ao 10, as valorações depreciativas à atividade do filé como trabalho se manifestam de diferentes formas: em tom irônico, a renda que advém do trabalho com o filé vira

“rendinha”; o trabalho com o filé é desqualificado (os estudos podem oferecer *coisa melhor*, não dá *futuro*, é uma *rendinha extra*; é uma *terapia* ou *passatempo*, mas não é trabalho). Com isso, a mudança do enquadre nos possibilitou flagrar um diferente desempenho das identidades sociais e linguísticas das bordadeiras em uma situação face a face. Diante dessa identidade emergente que se constituiu no discurso (emergente, pelo menos, para nós, pesquisadores), pudemos compreender mais a fundo o silenciamento que encontramos no trabalho com os letramentos ligados ao contexto de trabalho do filé na Associação. Percebemos que a característica da refração no discurso das mulheres mostra que elas não valorizam o filé como trabalho, revelando assim mais um motivo pelo qual as demandas de uso da escrita para o trabalho não fizeram sentido para elas.

Esse conteúdo depreciativo revelou-nos a supervalorização que as associadas destinam ao trabalho celetista, que, por vezes, pode dificultar um redirecionamento do olhar delas para outras possibilidades de modelo de trabalho de confecção do bordado. Por exemplo, atualmente, na esfera comercial da moda e da indústria têxtil, tem-se notado um crescente interesse pelas produções e criações locais. A própria Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal realizou uma parceria com a marca de roupas *Cantão*, reconhecida por desfilarem em eventos de reconhecimento nacional e internacional, como o *São Paulo Fashion Week*. A marca fez essa parceria visando comercializar seus produtos com a aplicação do filé em várias peças de sua coleção, tais como roupas, calçados, bolsas, acessórios etc.⁹ A realização de uma breve pesquisa na internet sobre o filé alagoano possibilita-nos a comprovação da valorização do bordado não somente pela *Cantão*, mas também por outras marcas reconhecidas nacionalmente.

Essa parceria aponta para o potencial de trabalho com os filés e, daí, também para possibilidade de mudança da realidade das bordadeiras. Entretanto, é necessário que haja o fortalecimento da Associação enquanto grupo e, sobretudo, a conscientização, por parte das integrantes, do valor real de seu trabalho e de seus direitos, a fim de evitar qualquer forma de exploração. Daí a necessidade de desenvolvimento de um trabalho de leitura e escrita no contexto da Associação considerando as relações de poder existentes, tendo em vista que ele

⁹ Verificar em: < <http://www.tribelas.com.br/noticia/1380/estilo/2013/12/04/parceria-entre-bordadeiras-do-file-e-cantao-e-sucesso-no-brasil.html/>>.

poderá promover, por meio de ativismo, a luta por mudanças nas condições de trabalho e de vida das associadas.

A visão depreciativa da atividade por parte das integrantes reforça a lógica capitalista de mercado e aponta para a alienação do potencial de trabalho das bordadeiras. Verifica-se, então, a ocorrência do seguinte processo citado por Faraco (2006), apoiado nas ideias do Círculo de Bakhtin:

As vontades de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento (centrífugo): tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo. (FARACO, 2006, p. 52)

A manutenção dessa visão depreciativa da atividade profissional do filé das bordadeiras colabora para manter o caráter monológico do discurso capitalista, uma vez que, conforme mostramos, existem grandes marcas explorando mão de obra barata do trabalho na Associação. As mulheres atuam, nessa relação capitalista, como força produtiva de baixo custo, e seus produtos, por elas depreciados, são pelas grifes comercializados no mercado a custos bem mais altos, gerando lucro.

Vale ressaltar ainda que as bordadeiras valorizam o trabalho no formato celetista em detrimento da atividade com o filé, porém elas não possuem formação adequada para, muitas vezes, nem sequer conseguirem contratação e, portanto, oportunidades de trabalho mais rentáveis. As bordadeiras já possuem uma matéria prima que pode levá-las à ascensão profissional, porém elas ainda não têm essa percepção.

Considerações

Esta pesquisa tinha como objetivo, pelo estudo dialógico-discursivo combinado com a abordagem etnográfica no contexto da educação não formal, dar voz às bordadeiras e reconstruir a sua história local, por meio da escuta de suas narrativas de vida. Nossos dados de pesquisa mostraram a circulação de valores depreciativos da atividade do filé como trabalho, fato que desencadeou, de um lado, um processo de reconfiguração do enquadre do “eu” pesquisador em

relação ao “eu” das bordadeiras nas atividades de letramento a serem desenvolvidas nas etapas subsequentes do projeto.

Em termos discursivos, essa mudança de enquadre aponta para um deslocamento discursivo que, como pesquisadores, nos permite compreender melhor o silenciamento observado nas atividades de letramento em contexto de trabalho desenvolvidas por ocasião da primeira etapa de trabalho no projeto de extensão em desenvolvimento.

Ressaltamos a relevante contribuição que o estudo na perspectiva dialógico-discursiva oferece ao trabalho de campo de extensão para as próximas etapas de trabalho, uma vez que, por meio dele, pudemos flagrar a relação de oposição em circulação no discurso das narrativas das bordadeiras: filé como tradição versus filé como trabalho e, para além da simples identificação, nos posicionar em relação a ela.

Entendemos que o entrecruzamento discursivo de valores contraditórios em relação à atividade de filé como tradição e trabalho possa, ao longo do trabalho de extensão, se dar de maneira mais harmoniosa, de modo tal que, à medida que o trabalho de leitura e escrita se desenvolve com a comunidade de bordadeiras, o viver do artesanato ainda seja um sonho possível para elas.

Com relação às identidades individual e coletiva, foi possível perceber, pela análise das narrativas, que o individual se sobrepõe ao coletivo e que alguma mudança nessa postura demanda novos trabalhos.

Referências

AMORIM, M. “Para uma filosofia do ato: ‘válido e inserido no contexto’”. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, M. VOLOSHINOV, V.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michael Lahud. Yara Frateschi Vieira. 7 ed. São Paulo HUCitec, 1929/1995.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CONNELLY, M & CLANDININ, D.J. *Narrative Inquiry. Complementary Methods for Research in Education*, 3rd Edition, Washington: American Educational Research Association, 2004.

FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inêz Probst. *O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem*. Blumenau: Edifurb, 2012.

GOOFMAN, E. *Forms of talk*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1981.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

ROCHA, G.; TOSTA, S. *Antropologia e educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

ROJO, R. “A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos.” In. De PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Orgs.) *Círculo de Bakhtin: inter e intradiscursividades*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.